



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MALENA SANTOS PEREIRA**

**DILEMAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE:  
MULHERES JOVENS E O TÉRMINO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**MALENA SANTOS PEREIRA**

**DILEMAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE:  
MULHERES JOVENS E O TÉRMINO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab - Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Layla D. Pedreira de Carvalho.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**MALENA SANTOS PEREIRA**

**DILEMAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE:  
MULHERES JOVENS E O TÉRMINO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab - Campus dos Malês.

Data de aprovação: 14/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Layla Daniele Pedreira de Carvalho (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dr. Márcio André de Oliveira dos Santos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Míghian Danae Ferreira Nunes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PERGUNTA, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO: A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES COMO RESULTADO DAS PRÁTICAS MACHISTAS</b>	<b>8</b>
3.1	GÊNERO, ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E DESIGUALDADES	8
3.2	VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E A ESPECIFICIDADE DAS MULHERES NEGRAS	10
3.3	LEGISLAÇÃO VOLTADA PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS DEFICIÊNCIAS	13
3.4	TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	14
3.5	A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E AS FERRAMENTAS DOS ABUSADOR	15
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA E DESENHO DA PESQUISA</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>CALENDÁRIO DE PESQUISA</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A cada dois minutos uma mulher é agredida em seu próprio lar no Brasil, lugar que deveria ser sinônimo de segurança, Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020<sup>1</sup>. De acordo com o mesmo documento, só no primeiro semestre de 2020 foram 266.310 registros de lesão corporal dolosa (LCD), o que representa um aumento de 5,2% em relação ao ano passado. O mesmo período registrou uma queda de 9,9% no número de denúncias de LCDs em mulheres em relação ao mesmo período em 2019. No primeiro semestre de 2020, no início da pandemia do novo coronavírus, os casos de denúncia LCD contra mulheres foram de 110.791 (2020, p.32). Tal redução, ao contrário de representar um menor número de casos, está diretamente relacionada às dificuldades de acesso a serviços jurídicos que realizam esse tipo de denúncia, reflexo também da ausência de medidas de enfrentamento a violências contra mulheres adotadas pelo governo. Desde março de 2020, durante a pandemia da COVID-19, os números de feminicídios cresceram 22% se comparado a março e abril do ano passado, só no Rio Grande Do Norte, o OBVIO, (Observatório Da Violência letal e Intencional do RN), levantou aumento de 260%, da violência doméstica entre 12 de março a 18 de maio de 2020. O fato de que os números mantêm uma tendência crescente mesmo depois de anos de debate em torno da violência doméstica e da criação de normas e políticas para combatê-la é uma das questões mais preocupantes.

As mulheres negras são as principais vítimas da violência doméstica e dos feminicídios. Sobral et al. apontam a sobrerrepresentação das mulheres negras entre as vítimas de feminicídio em 2019: 66,3% das mulheres assassinadas eram negras. Aproximadamente 57% das vítimas de feminicídio eram mulheres entre 20 e 39 anos de idade, assassinadas em 90% dos casos por pessoas com quem tinham relacionamentos íntimos (companheiros e ex-companheiros).

Dentro da tipologia da violência doméstica, uma das formas mais comuns é a violência psicológica. Essa violência, que não produz marcas visíveis, produz efeitos perversos em muitas mulheres, sobretudo em mulheres jovens. No ano de 2018, mesmo debilitada de uma cesariana complicada, observei algo bem estranho no meu relacionamento. Muitas brigas e desentendimentos me fizeram refletir sobre tensões

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

com que não soube lidar durante todo o percurso da relação: era constantemente acusada pelo meu ex-parceiro de traí-lo com pessoas que eu nem mesma conhecia; era severamente atacada por ele por qualquer questão ou posicionamento que eu levantava; era muitas vezes ofendida sobre minha capacidade cognitiva - ele não falava que eu era burra, mas usava argumentos como “talvez você não seja tão inteligente quanto você pensa”. Para evitar os conflitos, achei que ficando quieta - se não me defendesse, se não opinasse, se desconsiderasse os atos abusivos - evitaria brigas, teria paz e preservaria meu relacionamento. Por mais que eu fosse uma “pessoa séria” e reservada, qualquer interação com outros homens implicava ser punida com grosserias e olhares de reprovação. Nessas ocasiões, muitas vezes o relacionamento terminou, mas no dia seguinte reatávamos, pois era surpreendida com chocolate e muitas promessas de mudança. Passados alguns dias, estávamos brigando por coisas parecidas ou pelas mesmas coisas. Além dos abusos diretamente contra mim, esse ex-parceiro falava muito mal de parentes e amigos ou fazia comentários maldosos sobre as mulheres de minha família. Ao mesmo tempo, minha família e meus amigos tentavam a todo o custo me alertar que algo que não estava correto no meu relacionamento. Aquilo acabava comigo, eu me sentia “entre a cruz e a espada”, querendo agradá-lo e, ao mesmo tempo, ficar bem com a família e amigos.

Secretamente, passei a pesquisar no Google e Youtube sobre como resolver questões difíceis da relação amorosa. No primeiro dia de pesquisa, recebi uma enxurrada de informações sobre abuso emocional e violência psicológica, assuntos de que ainda não tinha ouvido falar. Logo tudo fez sentido e as emoções vieram à tona: eu estava psicologicamente adoecida por conta de quatro anos seguidos de abusos. E mesmo que todas as fontes em que pesquisava indicassem que seria impossível viver psicologicamente com um abusador, eu insisti na relação, afinal, tínhamos um bebê. Terminar representaria desconstruir tudo o que eu imaginava sobre a formação de uma família e eu não queria ser mãe solo! A ideia da maternidade solo era algo traumático para mim, pois sou filha de mãe solo e reconheço as dificuldades que ela viveu. Além de tudo, eu ainda gostava dele, queria ajudá-lo a ser “uma pessoa melhor”. Mas tudo só piorava.

Depois de muitos fracassos, passei a mudar minha postura, comecei a confrontá-lo em tudo. Mas, inteligentemente observando como as brigas estruturavam-se, notei também a existência de um padrão no relacionamento: eu estava 100% presente e, observando cautelosamente, sem permitir que ele me

chantageasse ou manipulasse, notei que ele era mentiroso ao extremo e que sempre tentava se esquivar quando o confrontava sobre os abusos, que reagia com muita raiva sobre minhas novas posições. Meu abusador brigava constantemente com pessoas da minha família e, certa de que jamais mudaria aquela situação, terminei tudo.

Continuei estudando sobre o assunto e acabei percebendo que aquilo não acontecia apenas comigo, mas amigas e mulheres da minha família já haviam passado por situações parecidas, mas com diferenças em relação ao que eu tinha vivido. Nesse sentido, este trabalho de pesquisa é muito importante para mim, mas também para outras mulheres que vivenciam ou vivenciaram relacionamentos abusivos, pois ele não conta apenas a minha história e sim de muitas de nós. A história de abusos que deixam marcas tão intensas na alma que, ainda que não sejam visíveis a outras pessoas, existem e afetam a existência e a escolha da vida de mulheres negras de todas as idades todos os dias.

Este projeto de pesquisa está organizado em quatro seções além desta Introdução. Na segunda seção apresento a pergunta da pesquisa. Na terceira, o referencial teórico considerando os debates sobre gênero, violência contra as mulheres e de gênero e violência psicológica. Na quarta, a metodologia de pesquisa e as ferramentas metodológicas propostas. Na quinta, o calendário com os próximos passos da pesquisa.

## **2 PERGUNTA, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA**

O principal objetivo deste trabalho é entender como mulheres negras jovens (entre 18 e 30 anos), habitantes de São Francisco do Conde, reagem à violência psicológica e saem de relacionamentos abusivos. As perguntas que pretendo responder são: 1. Quando e como essas jovens perceberam-se em relacionamentos abusivos? e 2. Qual é a influência de suas redes de afeto, (amigas/os e parentes) para esse término?

A minha hipótese é que o apoio da rede de afetos é um aspecto determinante para a saída ou permanência de mulheres em relacionamentos degradantes. Isso se dá na medida em que, enquanto a violência psicológica é imperceptível para a rede

de apoio, não há suporte para o fim dos relacionamentos às pessoas em situação de violência.

Para responder às perguntas e testar minha hipótese, tenho como objetivos específicos:

- a. Discutir como as concepções tradicionais de papéis de gênero influenciam sobre como mulheres em situação de violência, assim como sua rede de apoio, percebem relacionamentos íntimos, o que contribui para a saída ou a permanência das mulheres em relações abusivas;
- b. Salientar a importância do rompimento com os padrões de gênero para a ruptura dos ciclos de violência;
- c. Coletar as táticas utilizadas por abusadores para manter mulheres jovens habitantes de São Francisco do Conde em relacionamentos abusivos.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO: A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES COMO RESULTADO DAS PRÁTICAS MACHISTAS**

Nesta seção apresento debates teóricos e empíricos iniciais importantes para lidar com as questões, hipóteses e objetivos que delineamos na seção anterior. Começaremos com um debate sobre: *Gênero, estereótipos de gênero, e desigualdades*, seguiremos para uma apresentação sobre *Violência contra as mulheres e a especificidade das mulheres negras*. Na sequência, apresentaremos aportes iniciais sobre a *Legislação voltada para o enfrentamento à violência contra as mulheres e suas deficiências* seguida de uma discussão sobre *Tipos de violência contra as mulheres*. A última seção trata sobre a *violência psicológica e as ferramentas dos abusador*.

#### **3.1 GÊNERO, ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E DESIGUALDADES**

Gênero é uma categoria histórico-cultural, construída na década de 1970 a partir do aprofundamento do debate em torno das desigualdades de “sexo” desde a década de 1940, que partiu do questionamento das diferenças naturais entre o sexo masculino e o sexo feminino. Saffioti (1999.p.82) aponta que o gênero é um termo polissêmico, mas ressalta que é importante entender que, assim como outras



categorias sociais modeladas pela sociedade e pela cultura (como classe, raça e etnicidade), o gênero é uma categoria estruturante da sociedade. Para a autora, as desigualdades entre homens e mulheres não são geradas em si pelo gênero, e sim pelo seu entorno, ou seja, pela sociedade, pela cultura e pelas estruturas de poder.

A criação dos papéis de gênero são então decorrência dessa dinâmica sociocultural. Nos tempos atuais, ainda na barriga da mãe, a descoberta do sexo da criança permite aos pais a escolha das cores do quarto, roupas, entre outros objetos, o que se estende a toda a infância. Um pouco maiores, as crianças são influenciadas a corresponderem a seus respectivos gêneros pela introdução dos brinquedos e brincadeiras. A lógica do azul para meninos e rosa para meninas amplia-se para a restrição do brincar. Para os meninos, bolas, carros, pipa, futebol, jogos de desafio raciocínio, entre outros, incentivam os meninos a explorarem um mundo mais aberto a experiências de liberdade e uso da força. Para as meninas, bonecas, casinhas, entre outros brinquedos que imitam objetos do lar, educam as meninas a serem boas cuidadoras, incentivam a maternidade e as funções do cuidado.

Avery Neal (2018) aponta que desde garotas as mulheres são orientadas a "farejar" o perigo, porém elas também são condicionadas a serem gentis com todos. Nesse processo, cria-se e reforça-se o padrão social da mulher perfeita para os homens e do homem perfeito para as mulheres. A mulher perfeita seria aquela calma, paciente, acolhedora, submissa, entre outros passivos, aquela que realiza seus afazeres domésticos, cuidar da casa e dos filhos com excelência, precisa deixar tudo em ordem, busca satisfazer todas as necessidades do homem, pela paz do lar ao mesmo tempo que mantém uma ativa carreira de trabalho produtivo. Já eles, os homens, devem desempenhar o papel de provedores do lar, cuidar da segurança e devem, por exemplo, conseguir "beber como homem", caracterizando a força e virilidade do homem, negando atributos como fragilidade, afetividades, e emoções em geral. Por influência do patriarcalismo, os homens são influenciados, entre outras coisas, a beber desde meninos e sua capacidade de ingerir álcool em excesso é vista como aspecto positivo. A mídia, por intermédio de propagandas, reflete e incentiva tais pensamentos e ações. No Brasil, as marcas de cerveja mais famosas costumam exibir o corpo de uma mulher seminua para incentivar esse público, vinculando o consumo da bebida com o consumo dos corpos objetificados das mulheres, como pontuam Einhardt e Sampaio (2020).

No sistema patriarcal, a mulher é vista como um ser inferior, seu corpo tem a finalidade de “servir e procriar”. O patriarcado é definido por um sistema de dominação e exploração, que domina as áreas política e ideológica, e explora a parte econômica. O homem branco rico e adulto, é o principal autor do patriarcado, machismo e racismo. Esse sistema hegemônico é responsável pela socialização e dominação do homem, em detrimento da mulher, a mulher por estar em posição de desigualdade submete-se “ao poder do macho”, dado que é obrigada. Enquanto que para os homens, esses rótulos representam apenas uma parte de suas vidas, nestes moldes os papéis estabelecidos aos gêneros é o principal ponto de desigualdades entre homens e mulheres (Macdowell; Pasinato,2005). Diante disso, analisamos o intuito da diferenciação, de educação estabelecidos para meninos e meninas, o sucesso que tem os brinquedos e brincadeiras mencionados acima.

Lélia Gonzalez, nos traz que apesar do feminismo mainstream tentar comprometer-se com as questões raciais, o movimento ainda era majoritariamente branco e trazer questões raciais seria sinônimo de descentralização do movimento, segundo feministas brancas as mulheres negras possuíam comportamento agressivos, “criadoras de caso”, por isso seria inviável o diálogo com elas, o que demonstra limites do debate de gênero sem que se pensem as mulheres negras, ponto que precisa ser melhor desenvolvido durante o trabalho de pesquisa.

### 3.2 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E A ESPECIFICIDADE DAS MULHERES NEGRAS

Existe uma grande falha na sociedade no tocante a entender o que é violência. Quando se fala em agressão, pensa-se na clássica violência doméstica, onde há espancamento chutes e tapas, e mesmo vivendo relações psicologicamente abusivas abertas muitas mulheres acreditam que a forma como seus parceiros as tratam é a maneira correta de se relacionar. A mulher confunde e muito os abusos sofridos por ela, a sociedade deslegitima toda e qualquer atitude da mulher vítima de violência, acusando-a de conivência com as ações agressivas do parceiro quando ela não denuncia, e quando a mesma utiliza-se de agressão em sua própria defesa, é vista como motivadora da violência. Isso sem contar que, quando há denúncia, as autoridades investigativas geralmente questionam as falas das vítimas, como se elas estivessem sempre mentindo. Outra questão que se aplica a uma queixa de ameaça

de morte, a mulher é novamente vista pela justiça como a que quer se livrar do companheiro e por isso mente para uma rápida separação (Passinato, 2015). De acordo com Passinato (2015), essas instituições apresentam grande falha nesse ponto, pois a justiça bem como a polícia deveriam obter treinamento suficiente para ajudar e não criticar a mulher nesses casos.

Outro equívoco que permeia esse tipo de relação, é que mulheres nesse tipo de situação viriam de famílias que são abusivas. É fato que muitas estão apenas dando continuidade a uma dinâmica já vivenciada na infância, porém mulheres que tiveram uma infância saudável acabam envolvidas nesse tipo de relacionamento justamente por não notar violência em tais comportamentos, como também há mulheres que foram expostas a tais abusos desde muito cedo e, por isso, entendem que as fazem mal e fogem dele, e mulheres que tiveram infâncias saudáveis e por isso, reconhece forma saudável de se relacionar, e não se permitem em tais relações. NEAL(2018).

Para Mackinnon, a justiça disfarçadamente de justiceira, considera a violência contra as mulheres apenas em seu extremo - a exemplo da LCD (lesão corporal dolosa) -, que penaliza a agressor apenas quando há marcas visíveis no corpo da vítima. Do contrário, as agressões podem ser comprovadas apenas testemunhas que em sua maioria possui algum vínculo de parentesco com a vítima, por isso são invalidadas, a percepção dos operadores jurídicos, se mostrou bastante superficial pois o entendimento da violência psicológica por exemplo, resumiu se a atitudes mais severas como ameaças, constrangimento ilegal e injúria, para operadores jurídicos em especial policiais a violência doméstica é concebida por meramente um problema que deveria ser resolvido em família.

O homem abusador enxerga os indicadores acima descritos como um passe para cometer muitos tipos de violências, sendo a psicológica uma delas. A dinâmica da violência psicológica é aquela de um abuso silencioso e é tão perversa que ela provoca na vítima baixo autoestima e confusão mental, por mais sutil que seja. O abuso psicológico é um perigo à saúde emocional, de acordo com Neal (2018).

Bruna Pereira (2013) destaca que o fim da década de 1970 é marcado pelos questionamentos das feministas negras referentes à invisibilidade das questões de gênero no movimento negro negro e das questões raciais nos movimentos feministas. Pereira reflete que mulheres negras são mais propensas a sofrer violências por estarem abaixo da hierarquia social, no que tange ao gênero e à raça. A autora

complementa ainda que essas mulheres estão situadas em locais que em geral as pessoas têm maior dificuldade de acesso à justiça:

[...] as mulheres negras vêm há anos buscando alargar o conceito de violência contra a mulher, para além da agressão e do abuso sexual, pela introdução do conceito de violência racial entre as práticas que produzem dano físico, psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (CARNEIRO, apud PEREIRA, 2013, p.69),

Em suma, mulheres brancas e pretas partilham realidades um tanto diferentes também na vivência da violência doméstica. É notório que o abusador agride para exercer poder sobre a vítima, que envolve violência doméstica contra mulher. Pereira (2013) comprova que a violência doméstica contra mulheres negras é acompanhada de injúria racial. É interessante salientar que o fenótipo do parceiro não influencia nessa questão, tanto parceiros de cor preta como de cor branca perpetuam esse tipo de ofensa que serve como passes para eles cometerem tais abusos, nesse contexto mulheres negras estão expostas a todo o tipo de situação, que envolvem tanto sua raça/cor, como seu gênero.

Com base em entrevistas realizadas com mulheres pretas e pardas, Pereira (2013) propõe-se a destrinchar as especificidades do abuso doméstico vivenciadas por mulheres negras. A cor do filho aparece como uma questão bastante conflitiva, segundo Pereira. Parece haver um desconforto do pai quando a criança nasce com a cor da pele mais clara, nessa situação, a “dúvida da paternidade”, motiva o agressor a punir a parceira com violência, e quando acontece o contrário, a criança possui a cor mais escura acontece um certo descontentamento, do pai e ou das famílias, a cor da pele mais escura da prole também aparece como motivo de violência do parceiro contra sua companheira. Isso estaria associado à idéia miscigenadora do século XX, que consistia na eliminação da cor preta, com o cruzamento das “raças”.

Pereira (2013) nos traz também situações didáticas vivenciadas por pretas e pardas, onde aparece entre a relação abusivas das parda, a “sexualidade aflorada”, associada a elas, a desculpa da agressão relatada por seus parceiros seriam, roupas curtas, desconfiança de envolvimento com outros e etc. As mulheres de tez mais escura, por sua vez, estão muito associadas ao trabalho. Pereira salienta que o trabalho aparece como elemento de extrema importância na vida das retintas. De acordo com a autora, há uma expectativa dos parceiros de que essas mulheres os

sustentam, como uma forma de compensação por manterem relacionamentos íntimos com elas.

As situações ilustradas acima mostram apenas uma pequena parcela do que uma mulher em situação de violência sofre com a sociedade, que geralmente é a família, parentes e amigos, e pelos mecanismos jurídicos, duas instâncias que deveriam ser justamente sua fonte de apoio e proteção nesses momentos bastante delicados, nada do que se espera de uma sociedade forjada no machismo e no patriarcado e em mecanismos jurídicos inseridos nessa sociedade, que, não possuem o mínimo de educação de gênero, entendendo aqui como principal pauta do feminismo, movimento que influenciou diretamente na criação de leis que asseguram os direitos humanos das mulheres. Os movimentos de mulheres a partir de muita luta, obtiveram e obtêm até hoje muitos avanços. A justiça, por sua vez, desempenha importante papel no que tange a validação desses direitos conquistados, porém precisa romper com essa conjuntura social.

### 3.3 LEGISLAÇÃO VOLTADA PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS DEFICIÊNCIAS

Desde a década de 1980, quando após o caso da atriz Débora Diniz o debate em torno da violência contra as mulheres e a violência doméstica tornou-se público. São dessa década iniciativas tanto da sociedade civil, como os SOS Corpo, quanto por parte dos estados no sentido de criação de mecanismos de enfrentamento à violência, como é o caso das delegacias especializadas para o atendimento às mulheres em situação de violência. Entre as iniciativas institucionais montadas para o enfrentamento da violência contra as mulheres destaca-se a criação, em 2006, da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha.

Apesar dos avanços conseguidos a partir de 2006, ainda encontra-se um sério problema nas instituições jurídicas e na sociedade em relação às mulheres em situação de violência: a falta de conhecimento das leis e de pautas trazidas pelo movimento feminista. A sociedade como um todo não possui o mínimo de entendimento das leis, muito menos dessas pautas. Pesquisa realizada pelo Serviço de Coordenação e Controle Social (COCTRS) de 2013 mostra que 99% das mulheres entrevistadas já ouviram falar da lei Maria Da Penha, porém no mesmo ano a pesquisa

da data popular complementou que apenas 32% delas souberam responder algum conteúdo da lei (PASSINATO, 2015).

Observamos que a ignorância dos mecanismos jurídicos equiparam-se ao resto da sociedade, pois o movimento de mulheres que influenciou a criação das leis de proteção à mulher vítima de violência doméstica, seria justamente o viés educativo, que a justiça em primeira instância seguido da sociedade teria uma participação mais ativa no tocante ao combate dessa violências, a ignorância desses fatos torna o patriarcado machista criador das desigualdades entre gêneros , o único meio de entendimento dessas relações, apesar de ter tido muitos avanços no que tange aos direitos humanos da mulher, as mulheres ainda encontram muitas dificuldades de acesso as leis PASSINATO (2015).

É sabido que em muitos casos de agressão em que havia uma apreensão do agressor muitas companheiras retiravam a queixa, deslegitimando todo o trabalho tanto da polícia quanto da justiça, e por isso uma alteração à lei 11.340, feita pelo Supremo Tribunal Federal (STF), retirou essa opção das vítimas. Hoje, em diversas situações de processos, a mulher vítima acaba desistindo do processo e novamente todo o trabalho polícia e justiça vão por água abaixo, criando novamente uma tensão entre a mulher vítima de agressões e os presentes mecanismos de "proteção". Porém, o que não se leva em consideração nessas duras falas é a própria percepção e ação da vítima nesses casos, pois pode haver, ameaças, pressão psicológica tanto do agressor quanto da família, insegurança, medo, pressão social, dependência econômica, emocional, entre outras outras questões advindas de violências psicológicas, observada como preliminar de outras formas de violência. Culpabilizar essa mulher é uma das opções mais rápidas e também a mais covarde e fácil. De acordo com Passinato (2015), quando questiona e critica a veracidade do seu depoimento, a justiça afasta-se de onde deveria haver equipes treinadas de apoio e proteção à mulher que está no mínimo confusa e sensível nessa situação.

### 3.4 TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Desde 2006 temos a definição de um tipologia de cinco principais formas de violência contempladas pela Lei Maria da Penha, sendo elas assim definidas no artigo 7º e seus incisos:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006)

No que tange especificamente à violência psicológica, é interessante notar que foi a única entre as formas reconhecidas que passou por uma revisão e tem uma nova redação desde 2018, quando a Lei 11.340 foi revista pela Lei 13.772, no contexto do reconhecimento da violação da intimidade como prática da violência doméstica. A mudança da tipologia visou então a incluir a violação da intimidade como uma das expressões da violência psicológica. Essa tipologia tem limites na medida em que se a agressão não for tão direta quanto a violação da intimidade, é bem complicado para a vítima de abuso psicológico sutil comprovar que sofreu violência. NEAL 2018 afirma que Na maioria das vezes a forma como a mulher em situação de violência psicológica se sente é o único indicador do abuso, no caso da vítima notar e a rede de apoio não, é bem difícil de comprovar para parentes e amigos que passa por tais situações, as marcas desse tipo de abuso são muito difíceis de serem superadas, e mesmo depois do término, quando há filhos manter a convivência com o abusador é bem complicada, por que o ciclo pode se repetir por inúmeras vezes.

### 3.5 A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E AS FERRAMENTAS DOS ABUSADOR

O abuso é um tratamento não adequado que tem a finalidade de controlar, isolar, manipular, magoar, humilhar, culpar, ferir, assustar e intimidar outra pessoa. O termo abuso refere-se a todos os tipos, seja ele emocional, psicológico, sexual e físico

NEAL (2018,p.17). Não se tem dados de relações fisicamente abusivas que não envolvam também abusos verbais, psicológicos e emocionais. O abuso existe em todas as raças, etnias, faixas etárias, religiões, origens socioeconômicas e familiares. Para muitas mulheres o abuso psicológico é mais doloroso do que tapas e empurrões. “Os jogos mentais , a capacidade de distorcer as coisas, a falta de responsabilidade,ou de transparência, foa depreciação e as constantes táticas bate e assopra”, de uma pessoa abusiva confunde e muito a mente de quem recebe a violência (NEAL,2018, p.18).

Avery Neal (2018) relata cinco principais ferramentas usadas por um abusador: ciúmes, isolamento das parceiras, punição, controle, humor, coisificação. Na sequência apresento algumas características dessas ferramentas e suas interrelações:

Os abusadores são **ciumentos**, ciúmes é uma reação que pode servir de alerta da relação com uma pessoa abusiva. Eles são territoriais por excelência, por isso, utilizam-se dos ciúmes para perpetrar a violência contra a parceira. Para o abusador, a parceira pertence-lhe e por isso dedicar atenção e tempo para outras pessoas que não seja ele mesmo é um problema que pode custar muito para a parceira de um abusador psicológico. Nesse sentido, o **isolamento** da parceira é algo bem presente em relações abusivas. Esse tipo de tática abusiva também consiste em afastar a abusada da sua rede de apoio. Essa dinâmica é bem fácil de observar por pessoas fora da relação, porém estando dentro da relação tudo parece mais turvo. No início do relacionamento, o abusador faz questão de envolvimento com a família ele é cordial e muito agradável, porém aos poucos ele vai revelando suas verdadeiras intenções, geralmente ele faz um comentários desagradáveis e/ou humilhantes sobre uma pessoa da família ou de amigos da pessoa abusada. Por saber que abusos não são corretos, o abusador tenta afastar sua vítima de qualquer pessoa, principalmente se ela mantiver alguma relação de afeto. Buscar afastar "seu alvo" de parentes e amigos é mais comum entre os abusadores nesse tipo de situação, uma vez que eles não gostam/respeitam a individualidade da parceira. Por essa razão tentam minar todo tipo de envolvimento com outros, já que isso poderia representar a vida dela sem ele. Se ela colocar-se em oposição a esse processo, o abusador pode atacá-la também ou acusá-la de sensibilidade demasiada. Os abusadores geralmente recorrem a essa tática para que, quando ele intensificar os abusos, a vítima esteja desvinculada da sua



rede de apoio, das pessoas que poderiam alertá-la sobre o mau comportamento deles ou que a acolheria no caso de um término.

A **punição** em relacionamentos abusivos pode ocorrer pelo simples fato da parceira dizer não ou se defender. Abusadores enxergam suas vítimas como extensões de si mesmos, por isso, qualquer coisa que coloque a pessoa abusada em “vantagem” na perspectiva do abusador, representa uma afronta. Em casos de relações psico-abusivas, a punição será passivo-agressiva. Ou seja, não necessariamente a punição passa por insultos físicos.

O **controle** também é uma característica muito importante nesse padrão de relacionamento. Os abusadores utilizam-se de manipulação e insultos entre outros comportamentos que são atitudes com intuito de minar a autoconfiança de sua parceira. Abusadores mais controladores nunca ferem e ou xingam suas parceiras, o que confunde as parceiras a respeito do padrão de seu relacionamento, fazendo-as duvidar se de fato vivem relacionamentos abusivos.

O **humor** apresenta-se como uma das ferramentas de abuso mais insidiosas. Consiste em debochar da aparência física, de traços físicos, de partes do corpo da parceira ou de comportamentos e escolhas. O uso de atitudes de humor podem fazer o abusador sair da situação completamente impune, na medida em que o “só estava brincando” é uma forma que o abusador encontra de humilhar suas parceiras sem ser responsabilizado pelo ato agressivo. Geralmente parceiras de abusadores possuem baixa autoestima e essa tática é bem eficaz para a continuidade e exacerbação do problema.

A **coisificação** também é uma tática muito cruel, os abusadores possuem baixo grau de empatia com suas vítimas. Objeções e vontades próprias da parceira são entendidas como inconvenientes. Por isso, a parceira não é nada mais do que uma coisa, um objeto, uma propriedade a quem ele nega os atributos de humanidade.

Um abusador não inicia um relacionamento cometendo abusos. Geralmente, no início, eles podem ser extremamente envolventes, carismáticos e solícitos. De acordo com Neal, tudo o que é falado, é monitorado para que a vítima não perceba as reais intenções de abuso. A dinâmica abusiva vai sendo inserida aos poucos, podendo começar por um comentário levemente desagradável feito à parceira ou a um parente próximo a ela. Nesse estágio, o abusador está testando o que funciona com a pessoa com quem está se relacionando. Caso haja qualquer reação de autodefesa por parte da parceira, certamente haverá uma tentativa de virar o jogo por

meio da afirmação de ter sido apenas uma brincadeira ou a acusação da vítima de exagerada. Segundo Neal (2018), nesse ciclo, a reação esperada pelo abusador é que a pessoa em situação de abuso tenderá a achar que exagerou, o que a fará sentir-se mal e, mesmo estando certa por se defender a si mesma e aos seus, pedirá desculpas para ele.

Em todas as tipologias, existe um padrão no relacionamento abusivo que pode ser um indicador desse tipo de relação, a **fase da lua de mel**, no início do relacionamento é primordial para o abusador envolver a parceira em todo o resto, o momento da intensificação da tensão é o momento que abusador cria situações que pode gerando atitudes na parceira, a **fase de explosão** é o ponto alta das brigas, pode haver xingamentos, controle da parceira, e no caso de relacionamentos que coexiste agressão física, tapas, chutes e ameaças, a vítima pode sentir medo e terminar o relacionamento, e ou prestar queixa, na **fase de reconciliação** o abusador pode se desculpar ou fazer o próprio abusado pedir desculpas pra ele, há um momento de calma e muitas juras de amor, e novamente o relacionamento é fortalecido, dando início a um novo ciclo.

Quadro 1 - Ciclo de abuso



Disponível em: <https://m.facebook.com/NaoKahlo/posts/614318638741806:0>.

De acordo com NEAL, o abusador enxerga o relacionamento como um jogo, que só pode ser ganho por ele, em momento algum ele admitirá que está errado ou irá se desculpar, a não ser que seja na dinâmica bate e assopra, o padrão bate e

assopra é um dos métodos mais cruéis que um abusador pode utilizar, consiste em episódios de abuso, e no dia seguinte o abusador nem parece a mesma pessoa, pede desculpas ou faz a própria vítima se desculpar, Para SAFFIOTI (1999), mulheres que vivem muitos anos em relações abusivas certamente são co-dependentes no relacionamento. Co-dependente é a pessoa que depende psicologicamente de outra, motivada por alguma compulsão que, no presente contexto, seria a violência que mantém a relação.

#### **4 METODOLOGIA E DESENHO DA PESQUISA**

Propomos um trabalho de pesquisa qualitativa, em que o fenômeno em estudo é avaliado com base na interpretação e opiniões do pesquisador. Esse trabalho, geralmente, é realizado por meio de pesquisas com questões abertas, como as que propus inicialmente. É importante pontuar que, de acordo com PEREIRA et.al. (2018 p.67), na pesquisa qualitativa os dados coletados têm natureza descritiva. Segundo GIL (2002), essa abordagem objetiva descrever uma particularidade de determinado assunto, seja referente a uma população ou um fenômeno. Tais pesquisas têm por finalidade pesquisar determinada característica, de um grupo em específico, que pode ser filtrado por idade, sexo, procedência, nível escolar, estado de saúde mental e ou físico, entre outros.

Como forma de atingir mulheres são franciscanas em situação de violência, realizaremos um primeiro contato com o Centro Atendimento Psicossocial (CAPS) e com o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), do município de São Francisco do Conde. Os dois locais foram escolhidos por conterem informações de mulheres em situação de violência e desenvolverem oficinas e ações para o combate e enfrentamento à violência doméstica. A abordagem inicial aos dois órgãos será feita com ajuda de uma carta de recomendação da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Tal carta conterá informações da ação que realizaremos junto ao público de ambas as instituições. A ação serão oficinas, ministradas por mim, e rodas de conversa com ênfase na violência psicológica. Nosso público serão mulheres da faixa etária dos 18 aos 30 anos. Pessoas que acreditamos já possuir idade para ter vivido um relacionamento. Proporemos nesses momentos a apresentação de informações cuidadosas sobre os temas gênero, violência de

gênero, Lei Maria da Penha e violência psicológica, com ênfase em uma abordagem que não reforce possíveis sofrimentos decorrentes de cenários de violência doméstica. Esse primeiro contato permitirá informar as participantes e também tirar algumas dúvidas sobre os respectivos assuntos, ao mesmo tempo em que me informará o quanto elas sabem sobre as questões abordadas. Estabelecido o contato, adotarei duas estratégias de pesquisa, com duas ferramentas metodológicas: aplicação de um questionário e realização de entrevistas com as jovens que toparem participar da pesquisa. Com os questionários, teremos a finalidade de filtrar as histórias das participantes que melhor se encaixam aos cenários de violência psicológica. Com as entrevistas poderemos mapear cada situação em específico, conectando as informações fornecidas com o conteúdo bibliográfico presente neste trabalho. Por fim, uma minuciosa análise do conteúdo das entrevistas nos proporcionará as devidas conclusões .

Além dessas ferramentas, recorreremos à análise bibliográfica para consolidar o conhecimento sobre conceitos que nos permitam analisar as situações. Para tanto, aprofundaremos os estudos sobre os conceitos de gênero, patriarcado, violência de gênero, violência contra mulheres negras, relacionamentos abusivos e violência psicológica.

## 5 CALENDÁRIO DE PESQUISA

<b>Ações</b>	<b>Preparo</b>	<b>TCC I</b>	<b>TCC II</b>	<b>TCC III</b>
Revisão bibliográfica	X	X	X	X
Contato com o CAPS e CRAM		X		
Montagem do questionário		X		
Aplicação do questionário			X	
Realização das entrevistas			X	
Análise das respostas do questionário			X	
Transcrição e análise das entrevistas		X	X	
Escrita e revisão do TCC			X	X
Defesa do TCC				X

## REFERÊNCIAS

- EINHARDT, Amália; SAMPAIO, Simone Sobral. Violência doméstica contra a mulher - com a fala, eles, os homens autores da violência. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo , n. 138, p. 359-378, Agosto 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.217> . Acesso em 12 de fevereiro de 2021.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020. Ano 14, 2020. Disponível: em <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- IG DELAS. **Em 2020, violência doméstica cresce e denúncias diminuem.** In: O Dia.ig.com.br, 19/10/2020. Disponível em: [Em 2020, violência doméstica cresce e denúncias diminuem | Brasil | O Dia \(ig.com.br\)](https://www.ig.com.br/brasil/2020/10/19/em-2020-violencia-domestica-cresce-e-denuncias-diminuem-ig-com-br/)
- NEAL, Avery Relações destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal? Tradução de Sandra Martha Dolinsky.-- São Paulo : Editora Gente, 2018.
- PASINATO, Wânia. **Acesso à justiça e violência doméstica e familiar contra as mulheres:** as percepções dos operadores jurídicos e os limites para a aplicação da Lei Maria da Penha. *Rev. direito GV* [online]. 2015, vol.11, n.2, pp.407-428.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13490>. Acesso em 6 de março de 2021.
- PEREIRA, Soares Adriana Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico] / Adriana Soares Pereira ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS:UFSM, NTE, Disponível em:[https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica\\_final.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf). Acesso em 07/04/2021.
- SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher....In: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 13(4), 1999, p. 82-91. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009> . Acesso em: 11/2/2021.
- SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre os estudos feministas no Brasil”. *Estudios Interdisciplinários de America Latina y El Caribe*, vol. 16, n. 2005, p. 1-16
- SOBRAL, Isabela et. al. Retrato dos feminicídios no Brasil em 2019: análise dos registros policiais. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020. Ano 14, 2020. Disponível: em <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.